

Síncope e rotacismo: uma investigação de fenômenos linguísticos no falar de indivíduos de Patos de Minas e região¹

Síncope y rotacismo: una investigación de los fenómenos lingüísticos en el discurso de los individuos de Patos de Minas y de la región

Fernanda Flávia Lopes Pereira

Graduanda do 6º período de Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: nandafer_2009@hotmail.com

Telma Suely Carvalho de Albuquerque

Graduanda do 6º período de Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: telma.calbuquerque@yahoo.com.br

Resumo: Nesta presente pesquisa foram investigados os fenômenos do rotacismo e da síncope recorrentes no falar de indivíduos de Patos de Minas e região, tendo o modo gravação de entrevista falada como forma de coleta de dados. Com esta pesquisa, pretende-se fazer uma contribuição para a Sociolinguística, além de chamar a atenção para esses dois fenômenos tão comuns no falar do nosso cotidiano. Os resultados nos mostram que a presença de certos sons consonantais logo após o som consonantal L pode favorecer o rotacismo, e, no caso da síncope, houve uma maior ocorrência do fenômeno do que o esperado.

Palavras-chave: Sociolinguística. Rotacismo. Síncope.

Resumen: En el presente estudio los fenómenos de rhotacism y síncope recurrente se investigaron al hablar de los individuos y de la región de Patos de Minas, habiendo hablado modo de grabación de la entrevista como medio de recolección de datos. Con esta investigación, tenemos la intención de hacer una contribución a la Sociolingüística, y llamar la atención sobre estos dos fenómenos tan comunes para hablar de nuestra vida cotidiana. Los resultados muestran que en presencia de determinadas consonante suena justo después de que el sonido consonante L, puede ayudar rhotacism, y en caso de síncope, hubo una mayor incidencia del fenómeno de lo esperado.

Palabras-claves: Sociolingüística. Rhotacism. El síncope.

1 Introdução

A língua é o instrumento que possibilita a interação entre os indivíduos de uma determinada comunidade. A sociolinguística é a ciência que estuda a língua em seu uso social. Portanto, fica entendido que a língua é uma ciência a ser estudada, que possui mecanismos, além de um sistema operando. Diante disso, este trabalho vem propor uma pesquisa sobre dois dos fenômenos que operam na língua, o Rotacismo,

¹ Trabalho orientado pela prof^a. Gisele Carvalho Araújo Caixeta. E-mail: gisele@unipam.edu.br

que trata da troca do som consonantal L pelo som consonantal R, e a Síncopa, que é a transformação de palavras proparoxítonas em palavras paroxítonas.

Esta pesquisa tem o objetivo de fazer uma análise do falar de indivíduos da cidade de Patos de Minas e região. E, com isso, pretende-se detectar a ocorrência desses dois fenômenos e fazer uma sistematização do falar dessa comunidade de fala.

A partir dessa análise, nos foi proporcionado um maior conhecimento acerca desses dois fenômenos. Além da pesquisa feita, também tomamos como base os princípios metodológicos das teorias e propostas de grandes sociolinguistas.

O estudo proposto tem como justificativa agregar conhecimento sobre a importância de saber o real valor desses dois fenômenos na língua, além de trazer esclarecimentos para quem ainda não os conhece, bem como desfazer o preconceito linguístico que cerca esses dois fenômenos.

2 Referencial teórico

2.1 O que é a sociolinguística

Entende-se por Sociolinguística o estudo da língua diretamente ligada à sociedade. Foi Willian Labov, no ano de 1963, quem deu o pontapé inicial para o surgimento da Sociolinguística. Ele afirmava que o meio social em que vive um indivíduo influencia diretamente a fala deste. Labov iniciou um modo de pesquisa, em que se coletam relatos falados de indivíduos em determinadas comunidades de fala por meio de uma gravação de voz e se faz a transcrição fiel da fala do indivíduo. Segundo Tarallo (1985, p.7),

o modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, Willian Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

Muitos estudos voltados para a sociolinguística já foram realizados por pesquisadores do mundo todo, mas ainda há alguma dificuldade quanto a isso, considerando que, muitas vezes, essas pesquisas não são divulgadas, não dispõem de um *corpus* muito amplo ou, ainda, não possuem dados muito confiáveis, sem o rigor científico que uma pesquisa desse tipo exige (ARAGÃO, [s.d.])²

3 A pesquisa sociolinguística e os fatores sociais

A língua falada é algo extremamente volátil e variável, isso fica claro quando se faz uma análise diacrônica (estudo da língua através dos tempos) e, ainda mais, quando se faz uma análise sincrônica (estudo da língua como uma parte, em determinado momento da história). O falante, quando coloca a língua em uso, não se

²<http://www.profala.ufc.br/trabalho5.pdf>

preocupa em *como* fala, e sim com *o quê* fala. Para Tarallo (1985, p.19), “a língua falada [...] é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”. Portanto, ao se realizar uma pesquisa sociolinguística, a fala do entrevistado deve ser aproveitada ao máximo, levando em conta alguns fatores sociais que possam influenciá-la. Esses fatores podem ser: grau de escolaridade, faixa etária, gênero, localização geográfica, nível social, comunidade de fala, entre outros. O pesquisador deve tentar deixar o entrevistado o mais a vontade possível, para que não venha comprometer o real estilo de fala. Tarallo (1985, p. 21) faz uma observação, afirmando que “o propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade de situação na coleta de dados”. Por isso, numa entrevista para pesquisa sociolinguística, o pesquisador pode (e deve) usar, como roteiro, perguntas sobre o dia-a-dia, pois, assim, o entrevistado estará mais a vontade na hora do relato. Como frisa Tarallo (1985, p. 23),

a narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma.

Assim, a pesquisa terá um *corpus* mais rico e fiel à fala do indivíduo, tendo, pois, mais credibilidade.

3.1 A questão dos fatores sociais e o preconceito linguístico

No âmbito social, existe um preconceito muito frequente, porém pouco reconhecido: o preconceito linguístico. Esse tipo de preconceito está relacionado àqueles que são considerados falantes da norma não padrão da língua portuguesa, que é aquela que não está presente nas gramáticas, livros didáticos e dicionários, é a linguagem que está na boca do povo, considerada não formal. Muitas vezes, os fatores sociais ligados a esse tipo de preconceito estão relacionados ao grau de escolaridade baixo, ao fator geográfico (preconceito existente quanto à fala do nordestino e/ou do caipira), e ao nível socioeconômico baixo (pessoas de baixa renda). Os falantes ligados a esses fatores sociais, muitas vezes, são estigmatizados e inferiorizados pela alta sociedade, aqueles que se consideram “verdadeiros falantes de Português”. De acordo com Bagno (2002, p. 40),

o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, [...] *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português’.

Assim, o preconceito linguístico tem ligação direta com uma questão social. Bagno (2002, p. 42) afirma que “o problema não está *naquilo* que se fala, mas em *quem*

fala o *quê*. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social". Ou seja, os indivíduos que sofrem preconceito social também estão ligados ao preconceito quanto ao modo de falar. Ainda de acordo com Bagno (2002, p. 45), "[...] o que está em jogo aqui não é a língua, mas a *pessoa* que fala essa língua e a *região geográfica* onde essa pessoa vive".

Ora, esse tipo de preconceito faz com que haja um tremendo engano quanto à língua falada pelos indivíduos que o sofrem. De acordo com a sociolinguística, não existe modo certo ou modo errado de falar, e sim maneiras *diferentes* de cada um executar a língua.

3.2 O preconceito linguístico advindo dos fenômenos em estudo

3.2.1 O rotacismo

Esse fenômeno se caracteriza pela troca do som consonantal L pelo som consonantal R, muito recorrente na fala de alguns indivíduos que, como já citado anteriormente, relacionam-se aos fatores sociais que os tornam mais vulneráveis a esse tipo de preconceito. Palavras como *Cláudia*, *planta*, *problema*, *asfalto*, *bolsa*, *alguém*, se tornam *Cráudia*, *pranta*, *probrema*, *asfarto*, *borsa*, *arguém*. Conforme nos salienta Bagno (2006, p. 45),

[...] existe na língua portuguesa uma tendência natural em transformar em R o L dos encontros consonantais, e este fenômeno tem até um nome complicado: *rotacismo*. Quem diz *broco* em lugar de *bloco* não é "burro", não fala "errado" nem é "engraçado", mas está apenas acompanhando a natural inclinação rotacizante da língua. O que era L em latim, [...] permaneceu L em francês e em espanhol, mas em português se transformou em R.

O rotacismo nada mais é do que a propensão que os encontros consonantais em L têm de se transformarem em R, como se pode observar quando se faz um estudo etimológico (que é o estudo da origem das palavras) da transformação do latim para o português. Baseado em Bagno (2002), vale ressaltar que esse fenômeno acontece não só na língua portuguesa, mas também em outros idiomas. Portanto, o preconceito linguístico que afeta os falantes nos quais o rotacismo é presente na fala, é exercido por pessoas que não aceitam essa tendência e possuem uma visão muito conservadora da língua ou por pessoas que não possuem conhecimento o suficiente para saber que isso é muito natural, um processo de evolução linguística.

3.2.2 A Síncope

A síncope, no âmbito linguístico, se caracteriza pela transformação de algumas palavras proparoxítonas em paroxítonas. Um bom exemplo disso está nas palavras *chácara*, *abóbora*, *lâmpada*, *Bárbara*, que se transformam em *chacra*, *abóbra*, *lâmpa*, *Bárbra*, o que se pode observar muito frequentemente na língua falada no português não padrão. Quanto a isso, Bagno (2006, p. 107) salienta que "um traço característico do português

não-padrão é que nele as palavras proparoxítonas praticamente não existem”. A síncope, enfim, é um modo que o falante do português não padrão tem de facilitar a linguagem. Porém, é um fenômeno do qual advém bastante preconceito pela elite conservadora, que estigmatiza aqueles indivíduos que o usam. Mas, assim como o rotacismo, a síncope é também uma ocorrência natural da língua. Bagno (2006, p. 110) afirma que

[...] este fenômeno aconteceu não só em português, mas também em outras línguas da família, como o espanhol e o francês. Alguns estudiosos nos informam que já no latim havia esta tendência e era comum se dizer *perículum* (“perigo”) em vez de *periculum*.

[...] Com a aceleração do ritmo da fala, as vogais que se encontravam depois da sílaba tônica foram sendo pronunciadas cada vez mais fracas até desaparecerem por completo. Depois, outras transformações aconteceram e aquelas palavras ganharam o aspecto que têm hoje no português-padrão[...]

Portanto, a síncope nada mais é do que mais uma tendência linguística, e o preconceito linguístico (assim como toda forma de preconceito) contra esse e outros fenômenos ocorrentes na língua vem do conservadorismo ou da falta de informação daqueles que o exercem.

4 Metodologia

O presente estudo faz uma análise dos fenômenos linguísticos Síncope e Rotacismo no falar de moradores do município de Patos de Minas e região. Para a sua realização, empregaram-se pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica sustentou-se em autores como Bagno (2006) e Tarallo (1985). Já a pesquisa de campo apoiou-se em gravações de entrevistas, nas quais os informantes foram estimulados a fazer um relato em que contam a história da localidade em que vivem. Em seguida, as entrevistas foram transcritas.

Os informantes se encontram na faixa etária de 69 a 95 anos e possuem nível de escolaridade do Terceiro Ano Primário, até o Ensino Médio Completo. Com o intuito de preservar a identidade deles, eles foram designados com os seguintes códigos: G1, A1, A2, B2, B4, C3, D3, F1, F3, e C2. As ocorrências do fenômeno estudado foram identificadas, quantificadas e apresentadas em tabelas.

5 Resultados e discussão

Conforme já foi salientado, o objetivo deste trabalho foi analisar os fenômenos da síncope e do rotacismo no falar da população de Patos de Minas e região. No total, foram analisados 10 relatos para a pesquisa dos dois fenômenos já citados. A seguir, a especificação de cada fenômeno, a discussão dos resultados e as comparações entre as pesquisas já feitas na área e os resultados já obtidos, assim consecutivamente.

5.1 Síncope

A síncope é um fenômeno linguístico que se caracteriza pela tendência que as palavras proparoxítonas têm, na língua portuguesa, de se transformarem em paroxítonas na língua falada do português não padrão, conforme confirmado em alguns estudos já feitos sobre o fenômeno. A explicação para isso é de que, conforme ressalta Bagno (2006), o ritmo natural da língua portuguesa é paroxítono. Ou seja, a síncope é mais uma tendência natural da língua. A presença desse fenômeno foi observada nos relatos analisados, nos quais consideramos o nível de escolaridade como uma variável influente nos resultados, como se pode observar nas duas tabelas elaboradas:

TABELA 1 - Ocorrências do fenômeno da Síncope no falar de indivíduos com 3º e 4º ano primários.

| Escolaridade | Fenômenos | Quantidade | % |
|--------------------------|-------------------------------|------------|------|
| 3º e 4º séries primárias | Proparoxítonas sincopadas | 9 | 52% |
| | Proparoxítonas não sincopadas | 8 | 48% |
| TOTAL | | 17 | 100% |

Fonte: Autoria própria.

Conforme é mostrado na tabela 1, percebe-se que, de um total de 17 palavras proparoxítonas presentes nos relatos dos entrevistados que possuem escolaridade 3º e 4º anos primário, as quais correspondem a 100% do *corpus*, 8 delas não sofreram síncope, ou seja, 48% do total. Consequentemente, 9 palavras sofreram esse fenômeno, número que corresponde a 52%. A seguir, alguns trechos dos relatos, que nos servem como exemplo:

1. (informante F3) “*nasci em Carmo Paranaíba... os pais Francisco Rodrigues e Bárbra Viera da Sirva*”
2. (informante A2) “... *du Belém era dois mil quilômetro de chÃO...*”

TABELA 2: Ocorrências do fenômeno da Síncope no falar de indivíduos com Ensino Fundamental e Médio completos

| Escolaridade | Fenômenos | Quantidade | % |
|--------------------------------------|-------------------------------|------------|------|
| Ensino Fundamental e Médio completos | Proparoxítonas sincopadas | 3 | 25% |
| | Proparoxítonas não sincopadas | 9 | 75% |
| TOTAL | | 12 | 100% |

Fonte: Autoria própria.

De acordo com a tabela 2, que mostra os resultados da análise de relatos dos indivíduos com Ensino Fundamental e Médio completo, das 12 palavras proparoxítonas, que correspondem a 100% do *corpus*, 9 delas não sofreram Síncope, ou

seja 75% do total, ao passo que 3 palavras proparoxítonas, o que corresponde a 25% do total, sofreram o fenômeno.

Esse resultado obtido apenas confirma a hipótese de que o nível de escolaridade é uma condição social que influi ativamente no modo de falar do ser social. Como pode se observar ao se comparar os resultados da tabela 1 e da tabela 2, percebe-se que a diferença nas porcentagens é altamente relevante, se forem considerados os indivíduos que possuem apenas o 3º e 4º anos do Fundamental, vê-se que, nesta comunidade, a ocorrência da Síncope é quase que a mesma quando forem comparadas as palavras em que o fenômeno não ocorreu. Já nos indivíduos de Ensinos Fundamental e Médio completo, a diferença entre as palavras que sofreram o fenômeno e as que não sofreram é muito maior, e a porcentagem equivale a mais da metade.

Comparando este estudo com a pesquisa feita por Bueno e Carvalho (2010), que teve também o grau de escolaridade com um dos fatores condicionantes para a variação linguística, constata-se que, nas duas pesquisas, apesar de os entrevistados possuírem um grau de escolaridade consideravelmente relevante, a ocorrência de síncope não deixou de ter um percentual alto, se essa variável for colocada em evidência, apesar de ter sido feita essa separação entre os níveis de escolaridade.

5.2 Rotacismo

É chamado de rotacismo o fenômeno caracterizado pela troca do som consonantal L pelo som consonantal R. Assim como a síncope, esse fenômeno foi estudado na fala dos indivíduos da cidade de Patos de Minas e região. Os falantes que fazem uso do rotacismo também sofrem com o preconceito linguístico, visto que, em sua maioria, estão relacionados aos fatores sociais que propiciam a ocorrência de tal preconceito. Assim, nos confirma Bagno (2002, p. 40):

[...] na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. [...]

Como já foi salientado, foi considerado o nível de escolaridade como uma variável, por isso, o estudo teve como resultado duas tabelas, que serão discutidas a seguir:

TABELA 3- Ocorrências do fenômeno do Rotacismo no falar de indivíduos com 3º e 4º anos primários

| Escolaridade | Fenômenos | Quantidade | % |
|--------------------------|----------------------|------------|-------|
| 3º e 4º séries primárias | Sofreu rotacismo | 9 | 37,5% |
| | Não sofreu rotacismo | 15 | 62,5% |
| TOTAL | | 24 | 100% |

Fonte: Autoria própria.

Ao se analisar a tabela 3, pode-se constatar que, de um total de 24 palavras que tinham a probabilidade de sofrer rotacismo, número este que corresponde a 100% do *corpus*, apenas 9 sofreram o fenômeno, ou seja, 37,5% dessa totalidade. Sendo assim, 62,5% das palavras ficaram intactas, porcentagem que corresponde a 15 palavras do total. Segue-se a próxima tabela:

TABELA 4- Ocorrências do fenômeno do Rotacismo no falar de indivíduos com Ensino Fundamental e Médio completos

| Escolaridade | Fenômenos | Quantidade | % |
|--------------------------------------|----------------------|------------|-------|
| Ensino Fundamental e Médio completos | Sofreu rotacismo | 3 | 13,6% |
| | Não sofreu rotacismo | 19 | 86,3% |
| TOTAL | | 22 | 100% |

Fonte: Autoria própria.

De acordo com a tabela apresentada, das 22 palavras, o que corresponde a 100% do *corpus* pesquisado, 19 não sofreram o fenômeno, número este que corresponde a 86,3% delas. Conseqüentemente, pode-se ver que 13,6% sofreram o Rotacismo, porcentagem que representa 3 palavras do total. Como já feito com a apresentação dos resultados do estudo da síncope, seguem-se alguns exemplos onde o rotacismo ocorreu nas entrevistas feitas. Nestes exemplos que serão apresentados, nota-se uma condição que possa servir de hipótese para propensão à ocorrência do rotacismo. Em alguns relatos, observou-se que quando o som consonantal L é seguido de um som consoante, o fenômeno do rotacismo era mais propenso a aparecer, conforme no exemplo citado a seguir:

- (relato F3) "... pra lá e cada um **sortava** um pum de toda **artura**..."
 "... o João Rodrigues meu irmão **sorto** um foi..."

No relato 3, como se pode observar, o rotacismo não ocorreu, porque o som consonantal L era seguido de um som vocálico:

- (relato F3) "... pra/ botá**disciplina** porque a família já..."
 "... nós saía tinha o/ **clube**... é/**clube clubere**/recreativo"

Ou seja, o som que vem depois do som consonantal L nas palavras que foram analisadas nos relatos pode ter relação com a ocorrência do fenômeno do rotacismo, visto que o fato também aconteceu em outros relatos analisados.

O resultado analisado na pesquisa do rotacismo no falar desses indivíduos nos confirma a hipótese de que, assim como na síncope, a ocorrência do rotacismo também está relacionada ao nível de escolaridade, visto que nos indivíduos que possuem o 3º e 4º anos primários houve uma maior ocorrência do fenômeno do que nos indivíduos que possuem o Ensino Fundamental e Ensino Médio completos, se formos julgar o número total de palavras que propiciariam a ocorrência do rotacismo. Agora, segue-se a comparação entre esse presente estudo e outra pesquisa já realizada na área.

A pesquisa feita por Silva e Sousa (2012), que considerou como fatores sociais o gênero e a faixa etária, servirá como fonte de comparação, levando em conta a idade dos entrevistados, visto que a presente pesquisa não diferenciou os indivíduos por gênero. Na pesquisa em que foi feita a comparação, a ocorrência de rotacismos foi mais frequente perante as consoantes P e B, conforme relatam Silva e Sousa (2012, p. 12): “quanto aos rotacismos, verifica-se na Comunidade de Cipoal dos Pretos uma tendência à substituição do /l/ pelo /r/ com o uso das consoantes plosivas bilabiais /p/ e /b/”. Isso comprova a nossa hipótese de que a presença de um som consoante após o som de L propicia uma maior ocorrência do rotacismo.

6 Conclusão

Ao se fazer esta pesquisa, pôde-se certificar da importância dos estudos sociolinguísticos para a desconstrução de preconceitos sociais. Uma das maiores dificuldades encontradas foi a limitação do *corpus*, ou seja, um corpus pequeno. Porém, os resultados alcançados confirmaram a nossa hipótese inicial, a de que o nível de escolaridade, o que julgamos como uma variável para direcionar este estudo, pode interferir na fala do indivíduo, e que quanto maior a escolaridade, visto que foi feita uma separação dos indivíduos de acordo com o nível de estudo, menores são as chances dos fenômenos da síncope e do rotacismo acontecerem.

Por fim, esperamos, com este trabalho, fazer uma contribuição para estudos sociolinguísticos, visto que ainda há muito o que ser estudado nessa área.

Referências

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Palavras proparoxítonas no falar de Fortaleza*. Disponível em <http://www.profala.ufc.br/trabalho5.pdf>. Acesso em 17 de Novembro de 2014.
- BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico – o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BUENO, Elza Sabino da Silva. CARVALHO, Márcio Palácios de. *Aspectos sociolinguísticos da síncope nas proparoxítonas no português falado em Dourados – MS*. UEMS, 2010.
- SILVA, Monique Souza; SOUSA, José Haroldo Bandeira. Monotongação e rotacismo: processos fonológicos na fala da comunidade quilombola de cipoal dos pretos. Goiânia: *Revista de Letras*, 2012.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.